

APONTAMENTOS SOBRE A PESCA E A EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA PISCATÓRIA EM ANGOLA

Com 1650 km de costa, particularmente favorecida a sul pelo afluxo das águas frias da corrente de Benguela e conseqüente riqueza em quantidade e qualidade de peixe, o aproveitamento empírico das potencialidades oferecidas pelo mar constituiu um dos aspectos mais salientes no desenvolvimento da economia e do povoamento do litoral da província.

Tradicionalmente, poucas foram as populações indígenas que se viraram para o mar; a apanha de peixe foi e é uma actividade a que os indígenas se dedicaram, sobretudo no interior, nos rios e lagos ⁽¹⁾. É no tempo seco que esta tarefa se apresenta mais rendosa, devido ao natural abaixamento das águas. Só provàvelmente a partir do século XVIII foram esboçadas as primeiras tentativas de criação de pequenos núcleos piscatórios, que ocuparam alguns locais mais abrigados e favorecidos quanto à obtenção de água doce no litoral; até então quase despovoados, vai ser deles que, por transferências sucessivas de população, se aumenta a cobertura humana da orla marítima. Todas as iniciativas pioneiras foram estimuladas pelo estabelecimento de instalações frustes,

⁽¹⁾ Saliente-se, porém, que há notícia de populações nativas no litoral vivendo das pescarias (D. PACHECO PEREIRA, *Esmeraldo de Situ Orbis*, obra escrita no principio do século XVI, 3.ª edição, Lisboa, 1954, p. 174). Ver também, quanto aos habitantes da ilha de Luanda, LINO DA SILVA, «Embarcações e Utensílios de Pesca dos Ilhéus de Luanda (um estudo sobre aculturação)», *Mem. e Trab. Inst. Invest. Cient. Ang.*, 2, Luanda, 1960, pp. 177-215. Por outro lado, A. MACHADO CRUZ refere a importância da pesca no povo Ovakwambundo, já desaparecido como unidade étnica («O Povo Ovakwambundo», *Bol. Inst. Inv. Cient. Ang.*, 4 (2), 1967, pp. 67-87).

destinadas logo nos seus primórdios à secagem e salga do pescado; desde então, assiste-se à sobreposição de actividades — a pesca em si mesma e a transformação imediata e quase total do peixe —, criando um entrave estrutural, que ainda hoje pesa na expansão deste sector. Nos nossos dias, a situação das actividades ligadas à pesca reflecte todo um passado de evolução movediça, cíclica, desorganizada, que decorreu ao sabor dos períodos críticos e mais prósperos dos mercados. Tudo isto permite afirmar que estamos perante um sector dos mais instáveis da economia angolana e mais em regressão do que em crescimento ⁽²⁾.

1 — PESCADORES, FROTA E ARTES. A EVOLUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO

Relativamente ao total dos activos da província, o sector da pesca representa uma fracção diminuta, cerca de 2 p. 100.

Se bem que o conhecimento oceanográfico seja insuficiente, o contraste entre as riquezas das águas do Sul e do Norte da província é flagrante: para sul do Lobito há uma pulverização de centros de pesca (fig. 3), em pequenos recessos da costa, o que se traduz na maior percentagem de pescadores matriculados nas capitánias de Benguela-Lobito e Moçâmedes. Em 1969, o total de efectivos ocupados na pesca era de 17 500 contra 10 586 em 1960, cabendo respectivamente a Benguela e Moçâmedes 35 p. 100 e 30 p. 100 em 1969 e 45,3 p. 100 e 32,7 p. 100 em 1960. Só em 1969 a capitania de Luanda apresenta um valor da mesma ordem de grandeza (36 p. 100), dado o incremento actual das pescarias provocado pela presença de uma cidade progressiva, no que respeita à fixação de grandes empresas e à importância do nível de consumo. A figura 1 mostra a evolução global nos últimos dez anos.

A expansão das pescarias no Sul é, fundamentalmente, um fenómeno importado da Metrópole: colonos algarvios,

⁽²⁾ A presente notícia foi elaborada com base nas publicações da Repartição de Estatística Geral de Angola; *Relatório da Secretaria Provincial de Economia, 1962-1968*, I — *Petróleos, Minas e Pesca*, Luanda, 1970; *Relatório e Contas do Banco de Angola — 1969. Situação Económica e Financeira de Angola*, Lisboa, 1970; W. MARQUES, *Problemas do Desenvolvimento Económico de Angola*, vol. I, Luanda, 1964.

açorianos, madeirenses e poveiros, na sua maioria, deram origem a grande parte dos núcleos aí localizados, entre os quais Moçâmedes e Porto Alexandre. Pela falta de tradição nas fainas do mar, da população autóctone, rarefeita nessa área desértica, surgiram logo problemas de mão-de-obra, aliás extensivos às outras actividades de produção que aí nasceram

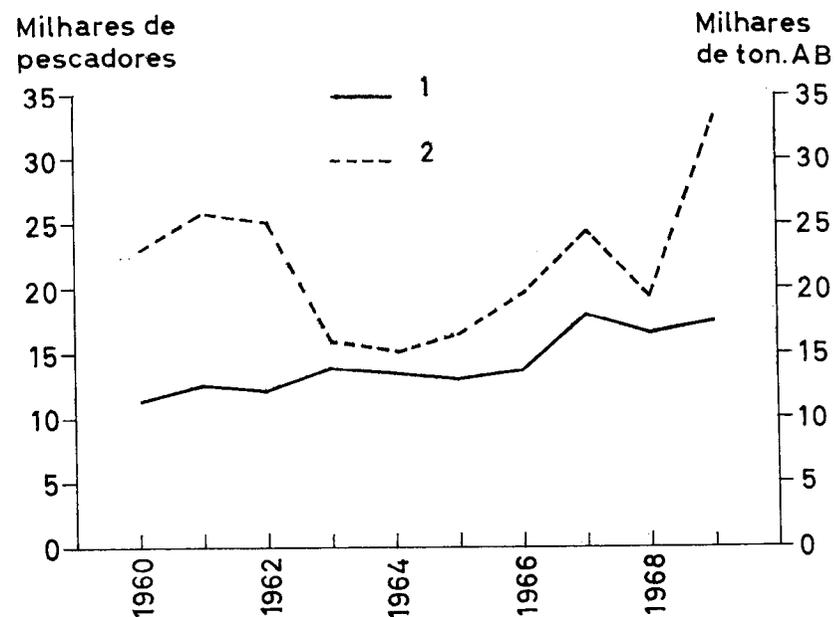


Fig. 1 — Evolução do número de pescadores e da tonelagem das embarcações. 1 — Pescadores; 2 — tonelagem bruta das embarcações.

ou se desenvolveram paralelamente. Nos primeiros tempos recrutaram-se escravos e depois «libertos», quer no Norte, quer no Sul; estas populações estão na origem do grupo Quimbar, que, pela destribalização e consequente integração precoce nas formas de economia europeia, fornecem hoje, no âmbito da pesca, parte dos pescadores mais qualificados. Actualmente, os problemas referidos continuam a pesar e todos os anos um fluxo renovado de «contratados» e «eventuais» se desloca para as pescarias; nele estão representadas as mais diversas etnias, entre as quais mesmo Cuanhamas que de pastores rapidamente se improvisam pescadores.

A composição da frota pesqueira evidencia a natural evolução para o aumento de embarcações de propulsão mecânica em relação às de remos e à vela, não obstante estas serem dominantes em todas as capitánias. Em 1960 havia 3507 embarcações (685 das quais de propulsão mecânica), com 23 256 t de arqueação bruta; na figura 1 está patente a evolução da tonelagem das embarcações, cujo número em 1969 era de 6070 (32 256 t de arqueação bruta), com 821 de propulsão mecânica.

A evolução das técnicas acompanha o progresso relativo do sector. Em 1844 «enviam-se anzóis para os pescadores algarvios de Moçâmedes» (3); hoje sobressaem as traineiras e as armações, as primeiras generalizadas sobretudo após 1930. É na capitania de Moçâmedes que existe o maior número de traineiras: em 1960, das 100 recenseadas possuía 70; em 1969, 69 para um total de 127.

A abundância das águas, as vicissitudes dos «anos bons e anos maus», onde ocasionalmente pode haver afluxos inesperados de peixe (em 1969, Porto Amboim e Novo Redondo tiveram um ano excepcional, por uma arribada de sardinha que se manteve na costa até Outubro) (4), condicionam o volume da pesca desembarcada. Estima-se que sejam pescadas em média, anualmente, 300 000 t de pelágicos e 50 000 t de demersais e tunídeos; entre as espécies mais frequentes estão o carapau, que, em 1969, representou 56,8 p. 100 das toneladas pescadas e 43,3 p. 100 do seu valor líquido, a sardinha (13,5 p. 100 das primeiras no mesmo ano), o charro e outras. Na figura 2 está representada a evolução dos totais de pesca desembarcada na província. Em 1960 repartiam-se pelas várias capitánias nas seguintes proporções: Moçâmedes, 63,2 p. 100; Lobito-Benguela, 33,2 p. 100; Luanda, 3,3 p. 100; Zaire, 0,3 p. 100. Em 1969, para uma tonelagem quase dupla, ressalta a maior importância de Luanda (9 p. 100), de Lobito-Benguela (42,3 p. 100), devido ao carácter accidental das pescarias de Porto Amboim) e o conseqüente decréscimo relativo de Moçâmedes (48 p. 100); no Zaire e em Cabinda, as percentagens eram, respectivamente, de 1,8 e 0,5. Atendendo à média

(3) W. MARQUES, *ob. cit.*, p. 398.

(4) *Relatório e Contas...* citado, p. 79.

de tonelagem de peixe desembarcado entre 1964 e 1969, nos diferentes portos (fig. 3), destaca-se Porto Alexandre, incluído na capitania de Moçâmedes.

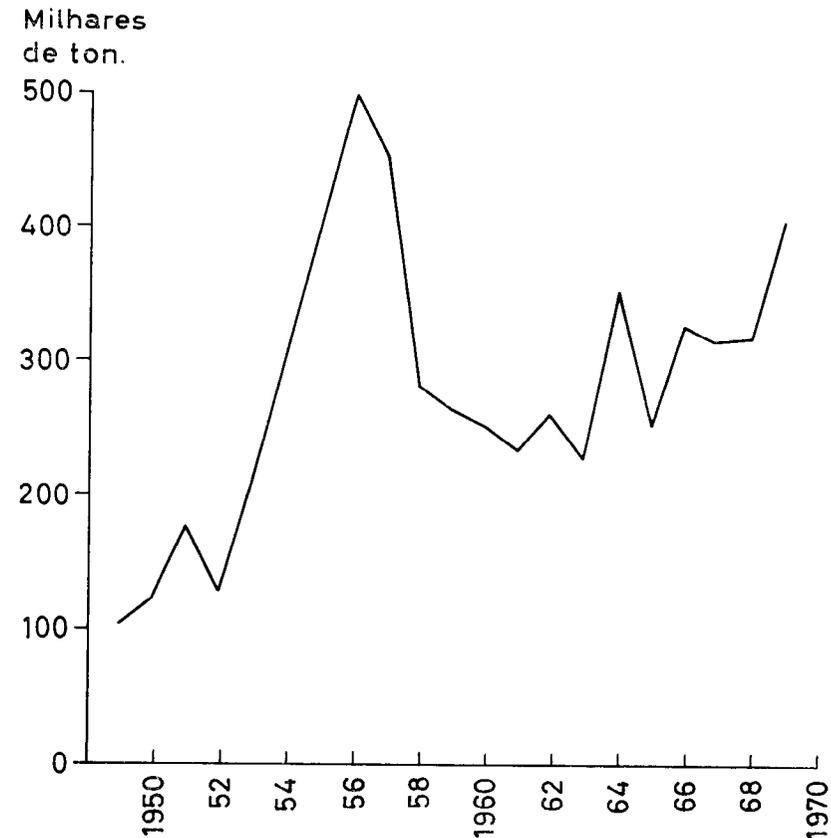


Fig. 2 — Evolução da pesca desembarcada na província (1949-1969).

2 — INDÚSTRIA E MERCADOS

Como foi dito, a transformação industrial do pescado surgiu desde cedo associada às primeiras instalações piscatórias; todavia, a diversificação dos fabricos, as suas vicissitudes e ritmos de crescimento introduzem variedade no sector e numerosos problemas económicos.

Já em 1859 a exportação era uma realidade, comportando quase exclusivamente peixe seco e salgado de fabrico

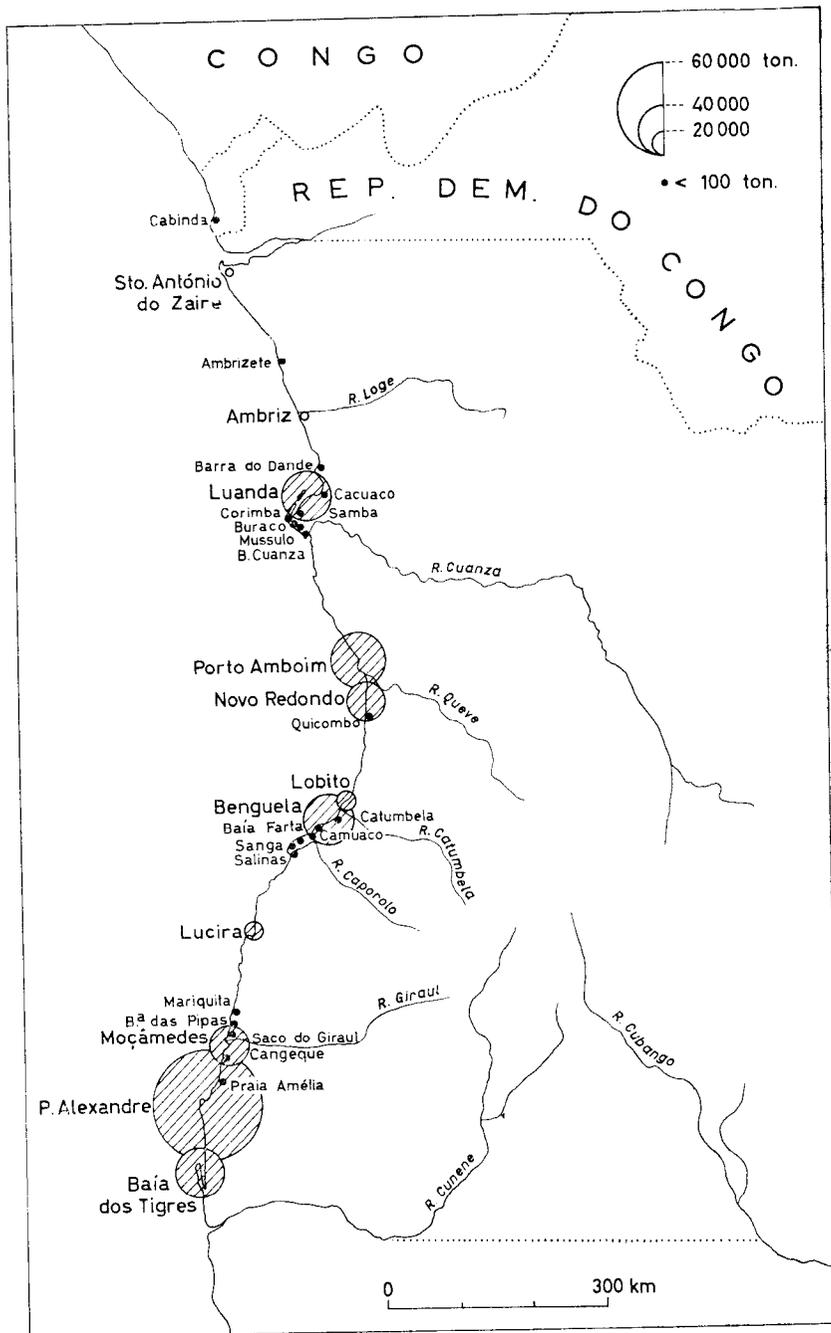


Fig. 3 — Distribuição dos principais centros piscatórios e da tonelage média de pesca desembarcada (1964-1969).

muito deficiente. Benguela e Moçâmedes eram os centros que então mais se desenvolviam: em 1900 este último porto tinha ganho claramente a primazia e por ele saíram 4433 t de peixe seco, seguindo-se, no conjunto da província, Benguela apenas com 15,7 t.

Ao longo do tempo a produção industrial evoluciona ao sabor das exportações; proliferam, em completa desordem, várias pequenas empresas, sem preocupação de assegurar preços ou fixar mercados. A crise de 1930 teve as suas repercussões e é a partir dessa data que se estimulam determinadas produções, tais como farinhas e guanos de peixe, óleos e conservas que se juntam ao fabrico tradicional de peixe seco. A evolução da produção industrial é resultado da que caracteriza cada uma das quatro fabricações citadas. Em 1960, essa produção perfazia 76 110 t (cerca de 200 milhares de contos), cabendo 58,9 p. 100 às farinhas, 8,9 p. 100 aos óleos, 30,2 p. 100 ao peixe seco e 1,9 p. 100 às conservas; em 1969 atingiu 173 689 t (783 377 contos), que se repartiram nas seguintes proporções: farinhas, 56,9 p. 100; óleos, 5,2 p. 100; peixe seco, 12,3 p. 100; conservas, 1,7 p. 100. Em dez anos nota-se um aumento global de 195 p. 100 na tonelagem produzida, que corresponde a mais 312 p. 100 no seu valor líquido. Da comparação dos acréscimos referidos conclui-se, por um lado, sensível melhoria nos preços dos produtos, por outro, diminuição no volume do pescado transformado para os fins tradicionais. Na realidade, em 1969 obtiveram-se 21 499 t de peixe fresco e 19 860 t de peixe meia-cura, o que equivale a um desvio de cerca de 23,8 p. 100 da tonelagem, anteriormente quase toda utilizada para as outras fabricações.

Porque cada sector de produção industrial tem uma evolução particular, o estudo dos mercados e das exportações apenas se compreende analisando a estrutura de cada um deles (fig. 4 e 5).

a) *Peixe seco e salgado.* — Trata-se da fabricação que tradicionalmente impulsionou as pescarias em Angola. Manteve até aos anos 40 superior relevância nas actividades industriais; a fácil colocação, quer no mercado interno, para

Milhares de ton.

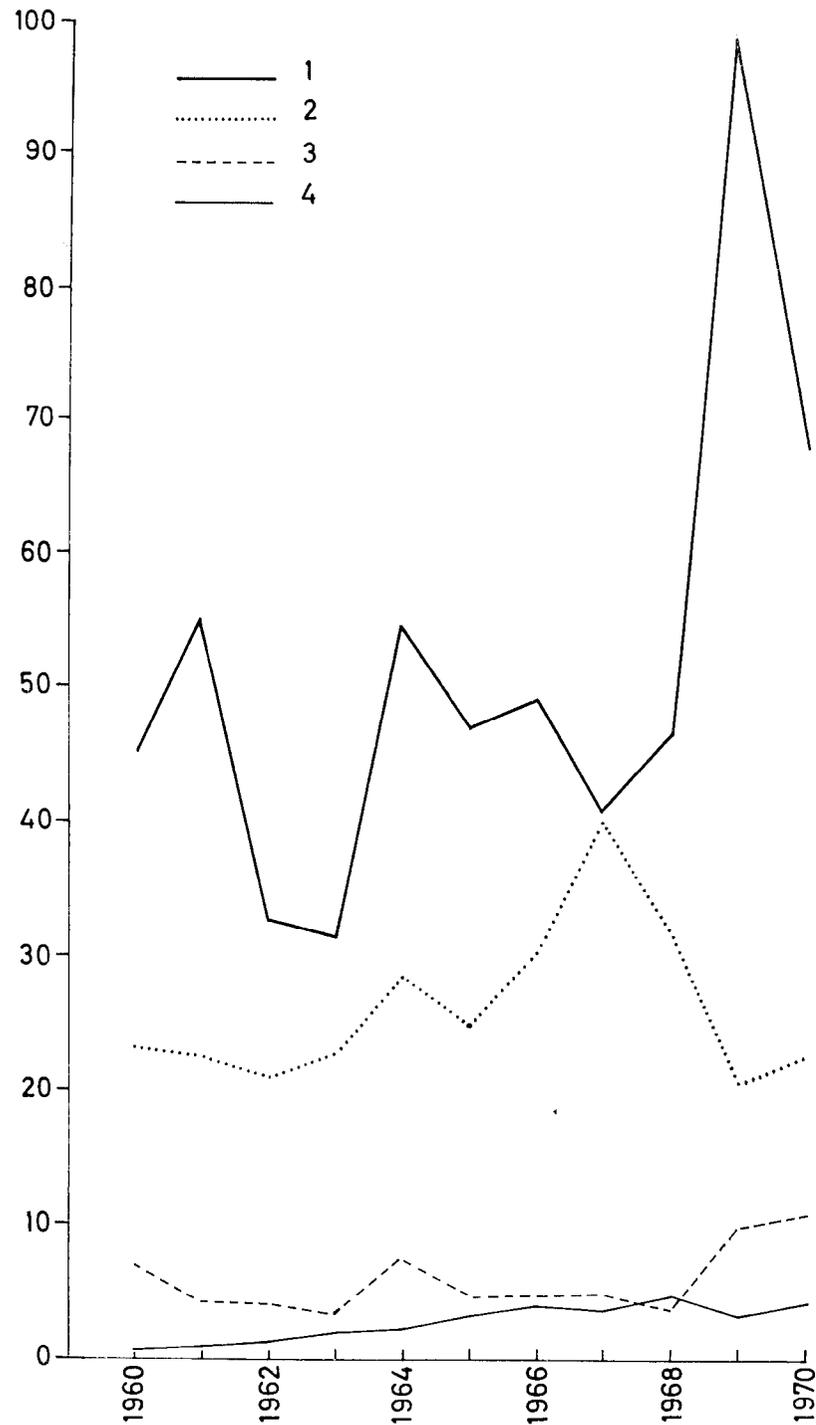


Fig. 4 — Evolução das produções industriais da pesca. 1 — Farinha de peixe; 2 — peixe seco; 3 — óleo; 4 — conservas.

Milhares de contos

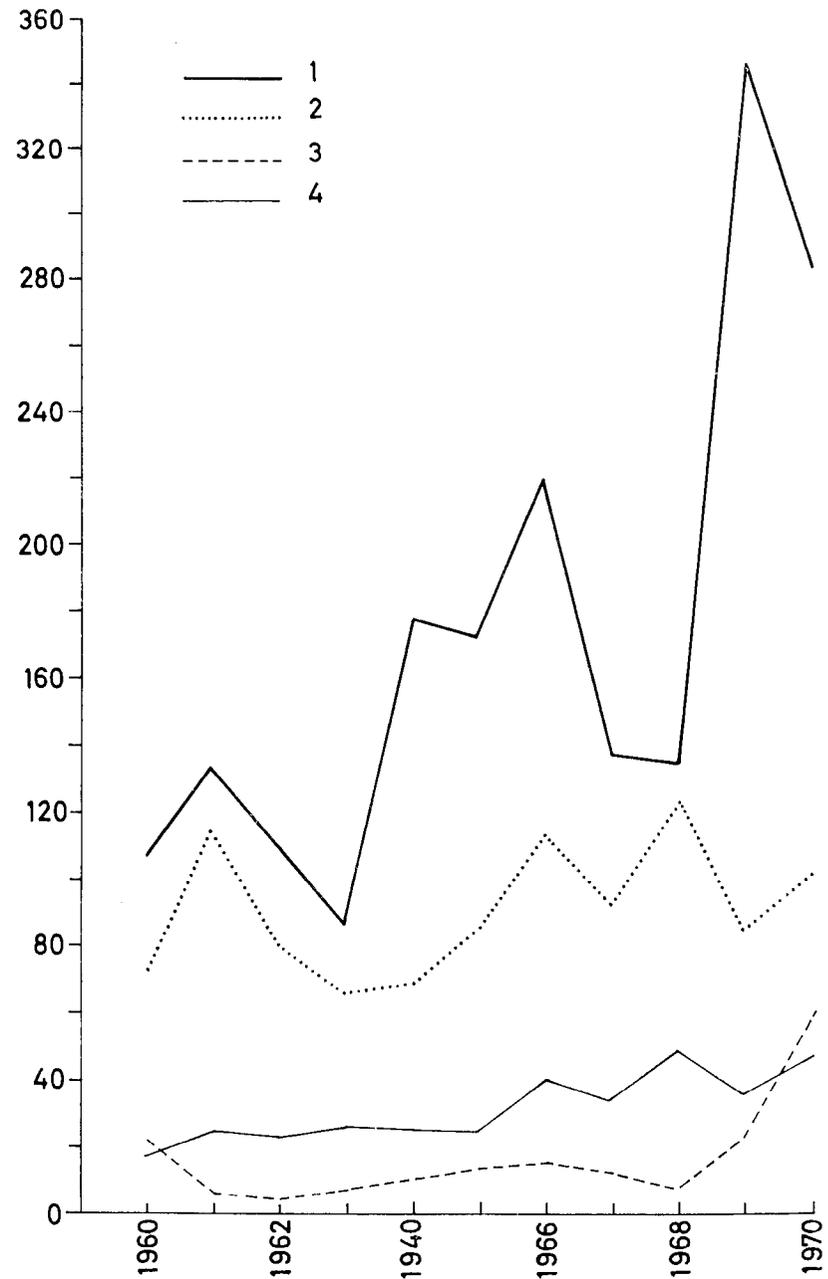


Fig. 5 — Evolução das exportações dos derivados da pesca. 1 — Farinha de peixe; 2 — peixe seco; 3 — óleo; 4 — conservas.

consumo de grande parte da população indígena, quer externo, deu florescimento a várias unidades fabris. Os métodos empregados eram simples (salga e secagem natural ao sol), o peixe abundante, a mão-de-obra pouco qualificada e mal remunerada, os mercados próximos e bons compradores (a província, o Congo e outros territórios africanos). O valor máximo da produção foi obtido em 1953 (34 085 t), apenas excepcionalmente ultrapassado em 1967 (fig. 4); em 1969 somente foram produzidas 21 388 t (136 191 contos). O fraco progresso do sector explica-se, em parte, pela falta de empreendimentos visando melhoria na qualidade do produto; nos últimos anos, a preparação de peixe meia-cura (tipo de peixe seco ou «frescal», de preparação mais rápida, embora oferecendo menores condições de conservação) generalizou-se bastante, pelas vantagens monetárias que proporciona, fazendo concorrência ao fabrico de peixe seco. Em 1969 produziram-se 19 680 t de peixe meia-cura, no valor de 110 239 contos, facto que condiciona a regressão verificada nas tonelagens de peixe seco; entre 1960 e 1969, a produção deste diminuiu em volume cerca de 7 p. 100, embora tenha havido um aumento de valor da ordem dos 97 p. 100.

A comercialização do peixe seco faz-se quase em partes iguais nos mercados externos e no interior da província. Em 1969 exportaram-se cerca de 57 p. 100 da produção, que se repartiram da seguinte forma: 5017 t distribuíam-se por diversos países estrangeiros, entre os quais a República Democrática do Congo era o melhor cliente (4857 t); 7030 t, correspondentes a 58,2 p. 100 das exportações, destinavam-se às províncias ultramarinas, em especial a Moçambique; 26 t à Metrópole. No mercado interno venderam-se cerca de 43 p. 100 da produção ⁽⁵⁾. Comparando com 1960, nota-se que o volume das exportações era pouco superior (mais 1091 t); no entanto, os compradores, exceptuando a Metrópole, eram praticamente

⁽⁵⁾ A importância do mercado interno, que aparece notória, se analisada em função das capitações médias de consumo (3,41 kg por ano, estimativa de 1966), mostra como é ainda deficiente a alimentação da maioria da população consumidora (apenas parte da população indígena), até porque os processos de secagem reduzem bastante o valor alimentar do peixe. *Relatório da Secretaria...* citado, p. 177.

os mesmos, embora com diferente importância relativa (77,5 p. 100 para o Congo e 8,2 p. 100 para o Ultramar).

Os principais estabelecimentos de fabrico localizam-se nas áreas de Moçamedes, Lobito e Benguela, sendo também estas capitánias as que mais se destacam como exportadoras. Na capitania de Moçamedes (incluindo Porto Alexandre e Baía dos Tigres) produziram-se, em 1969, quase 40,2 p. 100 do peixe seco da província, sendo exportadas 8591 t (54 444 contos), volume inferior ao de 1968 por motivo já exposto; basta citar que em 1969 se venderam 14 246 t de peixe meia-cura.

b) *Farinhas e óleos de peixe*. — Apenas a partir de 1945 a importância do volume e do valor da produção de farinha de peixe supera a de peixe seco. A expansão do seu fabrico liga-se a uma situação crítica no sector anteriormente referido e ao facto de, dispondo de matéria-prima barata, se obter um produto a que se abriram nos anos 30 os mercados alemães.

A fabricação de óleo é mais antiga (meados do século XIX), mas os períodos de regressão que a afectaram permitem, cronologicamente, colocar o seu verdadeiro desenvolvimento em paralelo com o da farinha.

A variação das tonelagens produzidas de farinha de peixe é muito flutuante (fig. 4); são as oscilações de valor nas cotações, as exigências de qualidade dos mercados consumidores e as dificuldades conjunturais de comercialização que condicionam o ritmo de crescimento da produção. Em 1960 fabricaram-se 44 800 t e em 1969 98 921 t; em dez anos verificou-se um aumento global de volume de 12,1 p. 100 e de 26,6 p. 100 em valor. Pode dizer-se que 1969 foi um ano *record*, quer na produção, que sofrera duas grandes quebras, em 1962-1963 e em 1967, quer em rendimento monetário (364 916 contos); a valorização registada denota sensível melhoria de qualidade e franca abertura de mercados. Com efeito, exportaram-se, em 1969, 93 291 t, que correspondem à quase totalidade da produção e denunciam um acréscimo de cerca de 105 p. 100 relativamente à tonelagem exportada em 1960 (48 085 t). Com fraquíssimo consumo interno (rações para animais), as vendas destinam-se sobretudo ao estran-

geiro (73,7 p. 100 do volume exportado): por ordem decrescente, os melhores compradores são a Alemanha (60,8 p. 100), a França (5,6 p. 100) e a Holanda (1,5 p. 100). A Metrópole canaliza 23,8 p. 100 e o Ultramar 6,7 p. 100. Confrontando a distribuição regional das exportações em 1969, atrás enunciada, com a de 1960, nota-se divergência na posição relativa dos mercados alemães e holandeses: o primeiro lugar cabia à Holanda (28,4 p. 100), seguida pela Alemanha (16,1 p. 100) e França (5,2 p. 100). A Metrópole comprou 19,8 p. 100 e o Ultramar 0,9 p. 100. Saliente-se que as vendas para a Metrópole têm vindo a aumentar, com tendência a tomarem a primazia; no decénio considerado verificou-se um acréscimo de valor da ordem dos 14,5 p. 100 (8935 contos em 1960 e 21 891 contos em 1969). Este facto vem parcialmente simplificar a comercialização, estabilizando a concorrência, que é sempre um problema nos mercados internacionais, sujeitos à influência de intermediários que assim se procuram eliminar do mercado nacional.

É na área de Moçâmedes que se localizam as maiores unidades de produção, beneficiadas por recentes aperfeiçoamentos técnicos e melhor organização empresarial; o montante das transacções efectuadas em 1969 reflecte a sua importância: 34 059 t, no valor de 128 667 contos.

Quanto à produção de óleo, o seu crescimento é muito inferior ao da farinha, pois nem todos os produtores dispõem de equipamentos apropriados para transformar um volume igual às possibilidades reais. Em 1960 obtiveram-se 6800 t (23 120 contos) e em 1969 9070 t (24 299 contos), tonelagem que corresponde a certo progresso na produção, estabilizada desde 1961 (exclua-se 1965, ano em que cotações excepcionais incentivaram o fabrico). As exportações absorvem quase toda a produção: em 1960 venderam-se 6606 t (22 527 contos), cabendo 78,4 p. 100 à Alemanha e percentagens ínfimas à Holanda e à França; em 1969, o total de vendas foi de 8392 t (23 281 contos), repartindo-se pelos países citados, mas de modo inverso (7724 t, equivalentes a cerca de 93 p. 100 das exportações, para a Holanda, 358 t para a França e apenas 90 t para a Alemanha).

c) *Conservas*. — A actividade conserveira surgiu nos fins do século XIX, graças a uma iniciativa particular nascida em Moçâmedes, onde funcionou a primeira fábrica. Laborava-se no início só o atum, a que depois se juntou acessoriamente a cavala.

Foi a procura dos mercados italianos que estimulou a produção e, a pouco e pouco, fez afinar os processos de preparação; contudo, certas modificações no sistema de vendas para a Itália, cerca dos anos 40, conduziram a grande retrocesso, pois tratava-se de um sector quase monoexportador. A recomposição é lenta e só em 1954 se conseguiram novos compradores e as alterações necessárias nos métodos de trabalho. Em 1960 produziram-se 1505 t (aproximadamente no valor de 18 000 contos), das quais foram exportadas 1218 t, na maioria para os Estados Unidos, Moçambique e Metrópole; em 1969, de uma produção de 2951 t (40 236 contos), venderam-se 2531 t, distribuídas pelos mesmos compradores (Estados Unidos, 45,2 p. 100; Moçambique, 24,7 p. 100, e Metrópole, 17,9 p. 100). Apesar do pequeno desenvolvimento conseguido, a situação actual é de regressão: fraca qualidade de produtos que cada vez menos interessam os mercados consumidores e pouco atraem no mercado interno; insuficiente capacidade de fabrico, que não consegue aproveitar todo o peixe desembarcado, sobretudo nos períodos de ponta.

De todos os ramos da indústria de derivados da pesca angolana é o que menor pulverização apresenta nas unidades de fabrico: a sua quase totalidade está concentrada na capitania de Moçâmedes, que, em 1969, produzia cerca de um terço da tonelagem de conservas preparadas na província.

Em conjunto, a importância das exportações dos produtos derivados da pesca no total das exportações de Angola é muito pequena: cerca de 6 p. 100, em 1969. Analisando globalmente a evolução das primeiras (fig. 6), verifica-se que, entre 1960 e 1969, houve um aumento de 53,2 p. 100 na tonelagem e de 126 p. 100 no valor. Se compararmos as figuras 5 e 6, deduz-se a importância das exportações de farinha de peixe: grosseiramente, a curva de evolução do valor total das exportações decalca a correspondente à da farinha. Já em 1960 esta representava 47,7 p. 100 do valor

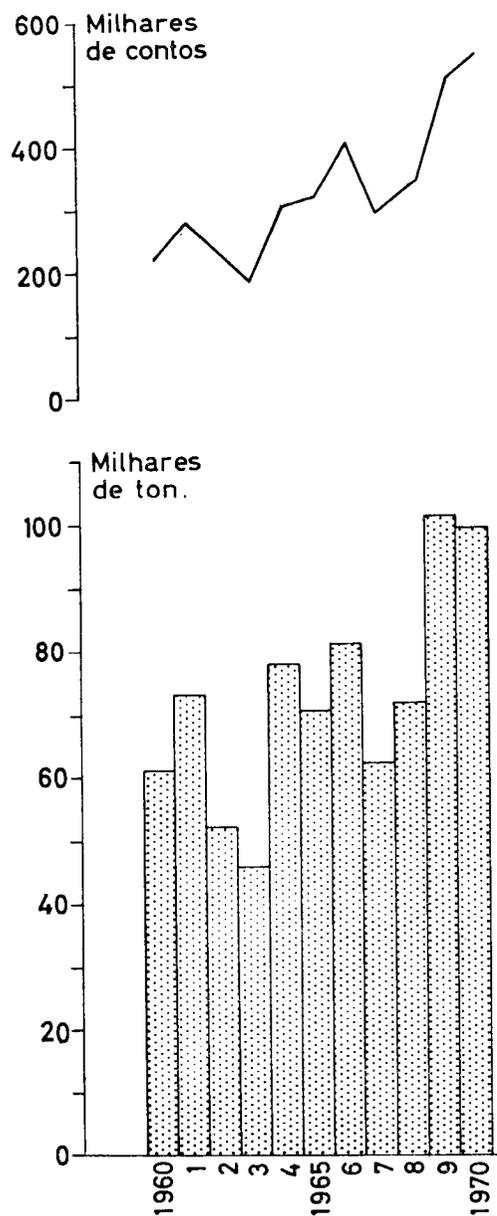


Fig. 6 — Total das exportações dos derivados da pesca.

das exportações, passando em 1969 para 67,7 p. 100; os outros sectores têm importância mais modesta (em 1960, do total exportado cabem 32 p. 100 ao peixe seco, 8,3 p. 100 às conservas, 9,9 p. 100 ao óleo e uma pequena fracção ao peixe fresco e congelado; em 1969 há acentuado recuo na importância relativa do peixe seco, 17 p. 100, do óleo, 5 p. 100, e das conservas, 7 p. 100, e largo acréscimo na do peixe fresco e congelado, 4. p. 100).

Pondo em paralelo o valor relativo da produção e da exportação de cada um dos produtos derivados da pesca (fig. 7), em 1969, comprova-se a amplitude do mercado interno relacionada com o interesse que tem pelas diferentes produções (destaque-se a procura do peixe meia-cura, que não figura nas exportações, e o consumo de peixe fresco e congelado).

3 — PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

As actividades da pesca e a industrialização que as acompanhou desde início apresentaram sempre um carácter instável, que deriva de algumas contradições na sua estrutura: proliferação e dispersão de unidades de fabrico sem viabi-

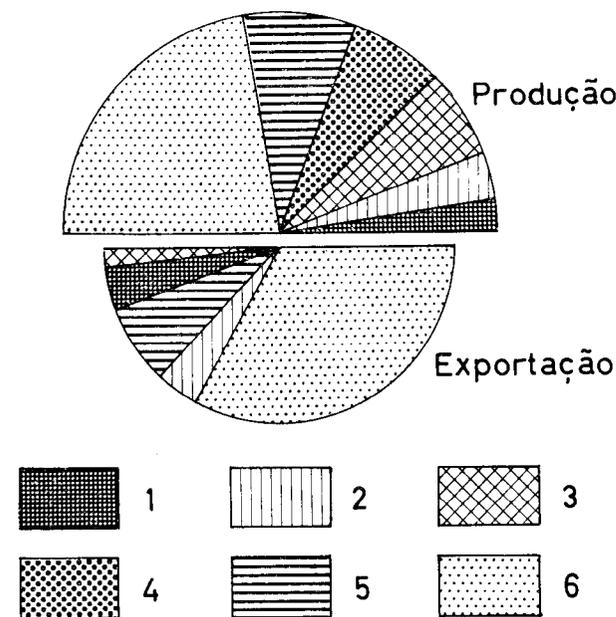


Fig. 7 — Importância comparada da produção e exportação dos derivados da pesca (1969). 1 — óleo; 2 — conservas; 3 — peixe fresco; 4 — peixe meia-cura; 5 — peixe seco; 6 — farinha de peixe. Os hemicírculos são proporcionais ao valor da produção (783 377 mil contos) e das exportações (512 741 mil contos).

lidade técnica e económica, fazendo concorrência a outras que se esforçam por acompanhar o progresso, mas trabalhando apenas com um quarto ou um terço da sua capacidade; transformação imediata e antieconómica do pescado, sem atender à sua possibilidade de venda em fresco. A indústria vive assim ao sabor das cotações e dos mercados ocasionais, e a cada período mais pródigo sucede-se uma multiplicação desordenada de estabelecimentos, envolvidos na euforia momentânea. A partir de 1962, esboçam-se várias tentativas

visando a coordenação do sector; por regulamentação do governo provincial foram estabelecidas dimensões mínimas de laboração para as fábricas que quisessem abrir ou exportar e foi exigida para os exportadores-produtores a presença de armazéns nos portos de escoamento. A criação do Instituto das Indústrias de Pesca de Angola (IIPA) e de outros organismos veio contribuir para melhorar a orgânica das actividades ligadas à pesca, assegurando preços, defendendo a qualidade dos fabricos, procurando qualificar pessoal.

Se os problemas técnicos e de estrutura das empresas são enormes, as deficiências dos processos de comercialização não são menores. A eliminação de intermediários nos circuitos de trocas e o incremento da produção de peixe fresco e congelado são dois aspectos que poderão ajudar a reequilibrar a economia deste ramo industrial. Como foi dito, a produção de peixe fresco e congelado tem aumentado bastante nos últimos anos: em 1969 obtiveram-se 20 519 t. Se bem que insuficiente para alimentar o consumo interno (Luanda absorve quase o total da produção), ainda foram exportadas 5223 t (20 401 contos) para a República da África do Sul e para Moçambique.

As esperanças depositadas no crescimento do consumo destes produtos só poderão concretizar-se se diversos investimentos forem feitos a favor do desenvolvimento de infra-estruturas de transporte e da indústria do «frio», num território tão vasto e tão mal dotado neste aspecto. Note-se que alguns empreendimentos já foram realizados e outros se projectam: em Moçâmedes entraram em funcionamento, em 1969, um novo complexo frigorífico e outras instalações do género; no Lobito está planeada a construção de armazéns frigoríficos, com a capacidade inicial de 2000 t.

Mesmo estimulada, a indústria piscatória está contudo longe de satisfazer as necessidades locais; as importações de produtos da pesca continuam a fazer-se e, em 1969, atingiram o valor de 99 985 contos (5076 t), aproximadamente. Comprava-se peixe fresco e congelado (1229 t) à República da África do Sul e à Metrópole, bacalhau seco (2865 t) à Noruega e Espanha, sobretudo, e conservas (982 t) à Metrópole.

Não obstante algumas iniciativas do IIPA, ligadas ao auxílio à pesca artesanal e ao desenvolvimento de toda a

área ao norte de Luanda, as realizações concretas, encarando os problemas que hoje se levantam, estão ainda bastante aquém do que se poderia desejar.

ISABEL MARQUES MEDEIROS

RÉSUMÉ

La pêche et l'industrie de conserves de poisson en Angola. Les centres de pêche et de conserves de poisson d'Angola se sont multipliés à partir du XVIII^{ème} siècle selon un rythme désordonné et leur activité ne représente aujourd'hui qu'environ 2 p. 100 de la population active de la province. C'est surtout sur le littoral sud qu'ils sont implantés, en raison de la plus grande richesse des eaux marines dans ce secteur (fig. 3). L'initiative en revient à des colons portugais, la main d'œuvre est fournie par diverses ethnies africaines. En dépit de la modernisation des méthodes et du matériel, la production varie fortement d'une année à l'autre (fig. 2). Environ 60 p. 100 de la production industrielle correspond actuellement à la farine, vendue à divers pays européens. Le poisson séché est destiné au marché intérieur et, aujourd'hui, à d'autres pays africains. La production des conserves en boîtes est actuellement en régression.

L'industrie liée à la pêche a toujours présenté en Angola une grande instabilité et, en dépit de diverses tentatives destinées à l'organiser et à la développer, elle demeure sous la dépendance d'un marché extérieur fluctuant, sans parvenir à assurer le ravitaillement de la province qui continue à importer une partie du poisson qu'elle consomme.

SUMMARY

Fishing and the canning industry in Angola. The centres of fishing and the fish-canning industry of Angola have, since the XVIIIth Century, multiplied at an inordinate rate and, today, their activity represents no more than 2 p. 100 of the active population. It is, above all, on the southern coast that they are situated, on account of the great abundance of sea-life in this sector (fig. 3). The initiative for this came from the Portuguese settlers, and labour is provided by different African tribes. Despite modernization in methods and material used, production varies considerably from one year to the next (fig. 2). About 60 p. 100 of industrial production today corresponds to fish-meal and is sold to different European countries. Dried fish is intended for the domestic market and, today, for other African countries. Production of canned preserves is, at present, dropping.

The industry connected with fishing has always offered in Angola considerable instability, and despite several attempts designed to organise and develop it, it remains subject to the fluctuating external market, without managing to guarantee the provisioning of the province, which continues to import a proportion of the fish it consumes.